

# mosaico

ISSN 1676-1170



2008

apoio pastoral

## NESTA EDIÇÃO

### O século do Credo Social

Joyce Torres Praça  
pág. 3

### Ainda há lugar

Ana Pinheiro dos Santos  
pág. 5

### A dimensão social na identidade metodista: O DNA metodista da ação social

Welinton Pereira da Silva  
pág. 8

### A dimensão social no serviço cristão

Saulo Baptista  
pág. 10

### Desafios do século XXI para o credo social

Nicanor Lopes  
pág. 12

### Pensamentos sobre a falta atual de alimentos

John Wesley  
pág. 14

### As obras principais de Walter Rauschenbusch na internet

Helmut Renders  
pág. 16

### Superando os limites na caminhada missionária, numa leitura de Atos 1.8

Sueslhey José Ferreira  
pág. 18

### Luzes, câmera, pregação!

Luiz Carlos Ramos  
pág. 20

### Jürgen Moltmann em diálogo no Brasil

pág. 23



# “Vós sois o sal da terra”

## Os 100 anos do Credo Social Metodista

[http://cache02.stormsp.apoio.pf@fotores01.fotores.br/ai/897\\_000ne@0.gif](http://cache02.stormsp.apoio.pf@fotores01.fotores.br/ai/897_000ne@0.gif)

# Editorial



... o amor de Deus ao mundo deve ser elemento norteador de toda e qualquer prática de quem se diz seguidor/a deste Deus.

## "Cremos..." no quê mesmo?

Como tem sido realizado nos últimos anos, o Mosaico Apoio Pastoral dedica suas páginas do exemplar de maio para contribuir com as reflexões da tradicional Semana Wesleyana da FaTeo. Neste 2008, a semana celebra os 100 anos do Credo Social (Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos, 1908).

As questões sociais estão no coração do metodismo e de sua doutrina de santidade social: ser santos/separados para o serviço ao mundo. Nunca é demais lembrar, principalmente em tempos de individualismo e muita competição, inclusive entre as igrejas, de que Deus criou o mundo, gostou do que criou, e o ama tanto que enviou seu único Filho para viver neste mundo e instaurar o modelo do governo de Deus e seus valores. Portanto, o

amor de Deus ao mundo deve ser elemento norteador de toda e qualquer prática de quem se diz seguidor/a deste Deus.

Se Deus ama o mundo e o demonstrou de forma bem concreta, sempre, ouvindo o clamor de seus filhos e filhas, como a Bíblia nos relata, por que deixaria de fazê-lo? Não, certamente não deixaria, Ele é o mesmo de ontem e será o de amanhã! Cremos! Se neste processo, também cremos, Deus sempre usou homens e mulheres como instrumentos para tornar concreto este amor ao mundo, o que ele espera daqueles que se dizem seus seguidores/as hoje? Eis a grande questão!

Esta edição do Mosaico busca contribuir com esta reflexão e chamar as igrejas a uma atenção com as causas sociais e com o clamor da Terra e seus habitantes por misericórdia, justiça, alimento, trabalho, moradia, saúde...

## Mosaico Apoio Pastoral

Ano 16, nº 41  
Junho/Maio de 2007

Publicação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

**Reitor da Faculdade de Teologia:** Rui de Souza Josgrilberg; **Reitor da Umesp:** Márcio de Moraes; **Diretor Administrativo da Faculdade de Teologia:** Otoniel Luciano Ribeiro; **Coordenador da Edição:** Ronaldo Sathler-Rosa; **Editora do Mosaico:** Magali do Nascimento Cunha; **Coordenador de Produção:** Luiz Carlos Ramos.

**Conselho Editorial:** Blanches de Paula, Fábio N. Marchiori, José Carlos de Souza, Luiz Carlos Ramos, Magali do Nascimento Cunha, Natália de Souza Campos, Nelson Luiz Campos Leite, Otoniel Luciano Ribeiro, Rui de Souza Josgrilberg, Ronaldo Sathler-Rosa, Stanley da Silva Moraes e Tércio Machado Siqueira

**Projeto gráfico:** Luiz Carlos Ramos; **Secretaria da Edição:** Glória Pratas; **Editores e Arte final:** Marcos Brescovici; **Capa:** Marcos Brescovici; **Edição e montagem de imagens:** Marcos Brescovici; **Tiragem deste número:** 2.000 exemplares. **Distribuição gratuita.**

\*  
\*\*\*  
\*

**Mosaico Apoio Pastoral**  
EDITEO



Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,  
São Bernardo do Campo, CEP  
09731-970



Fone: (0\_\_11) 4366-5983  
Fax: (0\_\_11) 4366-5962



editeo@metodista.br

*Editorial*

# O século do Credo Social

Joyce Torres Praça

O Credo Social celebra 100 anos em 2008, entretanto, suas origens remontam ao século XVIII, a partir da repercussão social da pregação de John Wesley (1703-1791) e dos leigos do metodismo primitivo na Inglaterra. Wesley respondeu aos desafios de sua época articulando a espiritualidade de forma holística, em termos de atos de piedade e obras de misericórdia, santidade de coração e de vida, unidade entre ciência e piedade vital – elementos aparentemente antagônicos e há tanto tempo separados, mas que, reunidos, constituem o equilíbrio característico da identidade metodista.

Em resposta às necessidades concretas dos trabalhadores, donas-de-casa e desempregados que aceitavam o Evangelho, Wesley forma sociedades a fim de atender aos problemas pastorais e sociais por meio da aplicação integral do Evangelho em todos os aspectos da vida. Wesley passa a considerar os grupos pequenos como ‘tendões de sustentação’

do metodismo, e transpõe o espaço institucional e físico para ir ao encontro do povo e em direção às portas das fábricas, dando sentido e dinamismo à missão.

A partir de 1729, o Clube Santo em Oxford desenvolveu uma práxis significativa. As visitas nas prisões, o acompanhamento dos condenados até a morte e o atendimento de pessoas carentes mediante a educação e o fornecimento de alimentos e remédios conscientizaram seus integrantes. Durante o tempo em que as sociedades serviram na sociedade, o conceito de perfeição cristã era a fé atuando com amor.

A vocação pública marca o metodismo em sua gênese. Wesley acreditava que as transformações sociais aconteceriam com a conversão das pessoas. A santidade social na perspectiva wesleyana implica na participação dos cristãos e cristãs nos projetos de Deus de restauração de sua Criação. Para Wesley, a religião não é um meio pelo qual a humanidade escapará para um



reino celestial mais tolerável, mas a participação na própria iniciativa redentora de Deus, sua nova criação.

O esforço em relacionar a fé cristã e a vida na sociedade resultou na elaboração das *Regras Gerais* – código de conduta cristã formulado por John Wesley que se resume em “não praticar o mal; zelosamente, praticar o bem; atender às ordenanças de Deus” e que se desdobra em atitudes fundamentadas nesses princípios

que preservem a tradição metodista. Enquanto as *Regras Gerais* abordam a disciplina individual do crente metodista, o Credo Social formula uma doutrina sobre a responsabilidade da Igreja Metodista.

O Credo Social nasceu em 1908, no Concílio Geral da Igreja Metodista Episcopal, nos Estados Unidos. O documento, inicialmente denominado “A Igreja e os Problemas Sociais”, foi adaptado pela Igreja Metodista Episcopal do Sul, nossa

Credo  
Social

“Igreja-mãe”, em 1918, sendo posicionado na parte constitucional a partir de 1922, e enfatizando o envolvimento leigo desde 1934. Em 1930, ano da autonomia da Igreja Metodista no Brasil, o documento da Igreja-mãe passou a integrar os Cânones, editados desde 1934.

Na Igreja Metodista no Brasil, o Credo Social é uma tomada de consciência da responsabilidade social no contexto brasileiro, à luz do Evangelho, visando o Reino de Deus e sua justiça. Deste modo, ocorreram as primeiras mudanças no documento, com o objetivo de adequá-lo à realidade do Brasil em momentos históricos relevantes. Em 1934, foram incluídos os temas planejamento social no processo econômico, correções no sistema penal, desarmamento e direito de liberdade de falar.

Na época, o Bispo James Cannon discursou sobre “A Igreja e o Evangelho Social”, explicando os princípios fundamentais das atividades da Igreja, expondo cuidadosamente a diferença entre apelo direto do Evangelho a cada alma individualmente e a relação necessária de

cada indivíduo para com a sociedade, desde que ele aceite os ensinamentos de Jesus Cristo como Mestre e Senhor. Tais ensinamentos estão claros nas declarações a seus discípulos: *vós sois a luz do mundo, vós sois o sal da terra (...)* e, na sua aplicação devem ser dirigidos pela lei do amor fraternal: *amarás o teu próximo como a ti mesmo*. Este princípio deve finalmente transformar a sociedade humana inteira. Este princípio deveria ser aplicado em todas as relações industriais, internacionais e sociais.

E ainda, o Bispo Cannon concluiu destacando a importância de que, em sua primeira reunião pública na direção do Concílio Geral, a Igreja Metodista no Brasil demonstrasse enfaticamente a atitude para com o Evangelho social de Jesus, colocando-se assim em linha de frente com o Metodismo desde os dias de Wesley.

Igualmente, o presbítero Hugh Clarence Tucker declarou “A atitude da Igreja Metodista do Brasil perante o Mundo e a Nação” – e o documento foi aprovado no 2º Concílio Geral da Igreja Metodista, realizado em Por-

to Alegre, em 1934. E afirma: “Reconhecendo nossa responsabilidade na solução dos enormes e graves problemas morais e espirituais que defrontam a nação e o mundo, nós nos revestimos de forças divinas para a execução da tarefa a que nos propomos e, procurando manifestar as convicções que mantemos, esperamos tornar mais clara a nossa própria visão”.

O Credo Social é o testemunho da compreensão missionária e ministerial assumida pela Igreja Metodista, cujo espírito foi transformado em ações concretas pelo Plano para a Vida e a Missão da Igreja (PVMI), em 1982. Como parte da sua vocação wesleyana, a missão inclui a responsabilidade para com o mundo e a sociedade.

As transformações mundiais exigem novas estratégias na tarefa da evangelização a partir da realidade das pessoas, e que acontece não somente pela pregação mas especialmente por meio dos *grupos pequenos que se inserem como sal* num corpo social plural e que carece da dinâmica da graça e do Evangelho. Diante do leque multifacetado que nos rodeia, e dentro do padrão

estabelecido pelo ideal da “Igreja reformada, sempre reformando”, é preciso assumir o projeto integral proposto por John Wesley: “Metodistas são aqueles que buscam a santidade de coração e de vida, conformidade interior e exterior em todas as coisas segundo a vontade revelada de Deus, são pessoas cuja religião reflete a imitação e adoração a Deus em todas as suas perfeições imitáveis, em especial quanto à justiça, à misericórdia e à verdade, ao amor universal que enche o coração e governa a vida. Mantenham-se no caminho, sejam leais a seus princípios”.

Embora o caminho da palavra à ação seja longo e apesar de sabermos muito mais do que fazemos, um novo comportamento pode ser aprendido, à luz da Palavra e do século do Credo Social. Que se faça verdade a velha canção, que diz *venha o Teu Reino, Senhor, a festa da vida recria, a nossa espera e a dor transforma em plena alegria*.

---

Joyce Torres Plaça é teóloga metodista, especialista em Estudos Wesleyanos, mestranda em Ciências da Religião e colaboradora do Centro de Estudos Wesleyanos da FaTeo.

Credo  
Social

# Ainda há lugar

Ana Pinheiro Dos Santos

A Bíblia cultiva a esperança e fomenta o olhar para frente. O pão é um dos elementos que a Bíblia apresenta como *fomentador* de esperança. No AT o maná formula um projeto em torno do pão, quando não é acumulado, jamais falta. O NT acompanha esse projeto. O direito ao pão é a fonte de todo direito e justiça. A ênfase no pão reaparece nos momentos em que Jesus alimenta a multidão. Ele integra a oração modelo, Mt 6.11. A Bíblia não celebra a dignidade do pão, mas enfatiza a partilha e deste modo chegamos ao seu auge na *eucaristia*. (Projetos de Esperança: Meditações sobre Gênesis 1-1, p.14-15).

No mundo que mostrava divisões sociais na refeição, Jesus proclama e instaura um mundo novo em sua forma de comer. Esta é a lição que Ele deixa, apresentada no capítulo 14 de Lucas. Assim como na sociedade a comida expressa a forma de os grupos sociais unirem-se, afirmarem e se fecharem diante de outros grupos, Jesus expressa uma nova ordem social a partir da comunhão na

mesa. A atitude de Jesus é palavra profética que expressa a essência do Reino e do cristianismo, presente em nossas comunidades sob a forma da eucaristia, ou seja, temos comida como metáfora do Reino de Deus. O povo esteve presente durante o ministério terreno de Jesus. Eles são definidos como



© David Barnhill/istockphoto.com

*laos e ochlos*. O *laos* é o povo comum ou povo de Deus. O *ochlos* é a aglomeração sem líder, sem importância política e cultural. Jesus estende ao *ochlos* a compaixão, a cura e sua instrução, e os transforma em seus discípulos/as.

No texto de Lc 14.15-24 conta-se uma parábola num grande banquete em que os con-

vidados estão reclinados. Nos evangelhos reclinar-se sugere refeição ao ar livre ou um banquete. Nesse texto temos um banquete, os convidados são proprietários de terra e estão reclinados ao redor da mesa ao estilo greco-romano. Os camponeses reclinavam-se no chão. O local é a casa de um go-

te messiânico.

O tema do banquete está presente no AT no Sl 23.5 e Is 25.6-8. No período inter-testamentário, o tema do banquete estava relacionado com a vinda do Messias e os gentios ficam de fora. Na comunidade de Qunram, o grande banquete também estava ligado à vinda do Messias. É estabelecida uma hierarquia e somente os perfeitos participarão deste banquete. Com isto, perdeu-se a visão abrangente do profeta Isaías.

O convidado (v15) espera uma invocação piedosa de Jesus, mas ele responde iniciando uma parábola. Certo homem deu um *grande banquete e convidou a muitos*. Este primeiro convite é sério, o ato de aceitá-lo significa compromisso. O anfitrião precisa providenciar a carne baseado no número de convidados/as. Após os preparativos, é enviado um servo dizendo: *Vinde, tudo está preparado, estamos esperando por você*. Aceitar o convite inicial obriga o convidado a responder ao chamado. E o movimento que Jesus dá à parábola surpreende, tomando ela uma direção inesperada.

vernante rico, Lc 14.1. A parábola inicia no instante em que um convidado diz: *bem aventurado aquele que comer pão no reino de Deus*. Comer pão na Palestina significa comer uma refeição. Desta maneira, o convidado inicia o tema de comer no reino. O banquete é símbolo da salvação, que terá o seu auge no banquete-

Credo  
Social

*De repente, todos de uma vez começaram a desculpar-se.* Isto na Palestina é considerado uma afronta para o anfitrião. Quem ouvia a parábola contada por Jesus compreende, o banquete messiânico foi anunciado. Tudo está preparado e o Reino de Deus está próximo, na pessoa de Jesus. Quem quer comer pão no reino de Deus, precisa comer pão com Ele. Mas os convidados se queixam que o anfitrião come com os pecadores, as mulheres, os pobres e não guarda o sábado.

Ao retornar o servo relatou tudo ao seu senhor, que fica irado. Mas sua reação é graça, e envia seu servo e o instrui a convidar os proscritos da aldeia: os pobres, cegos, aleijados. Estes fazem parte da cidade, embora isolados da vida comunitária. Os primeiros convidados se recusam a atender as boas notícias do banquete que foi preparado. E o servo diz: *Senhor o que mandaste está feito, mas ainda há lugar.* Ele é instruído novamente a sair e compeli-los a entrar. Um convite inesperado normalmente era recusado, por questão de honra. Culturalmente os convidados são constrangidos a ficar, Lc 24.28-29.

Os mendigos são encontrados em aldeias e cidades onde vivem concentrações humanas. Não pertencem à comunidade do senhor. Como de costume o servo toma o convidado pelo braço e o puxa gentilmente. A graça é incrível. Em cada convite e encontro haverá um choque e incredulidade dos convidados/as. Outro costume era o de enviar porções do banquete aos amigos/as ausentes por motivos justos. Mas aqui, não há possibilidade de participação à distância. Quem não comparecer não provará do meu banquete. Jesus declara o banquete como sendo seu e estende o convite aos presentes. A parábola não tem epílogo. Os convidados não estão todos reunidos/as. Jesus inaugura o banquete messiânico prometido por Isaias 25.6-9, com a comunhão de mesa. E a eucaristia representa esta comunhão contínua do Cristo Ressurreto.

## A eucaristia na Igreja Metodista

Mas a eucaristia não é apenas uma celebração, ela relaciona-se com a vida e missão da Igreja Metodista.

Ela traz a dimensão da vivência comunitária e da responsabilidade social. A sociedade exclui e a eucaristia denuncia as desigualdades e injustiças (Revista Caminhando, Ano VI, Nº 8, p.33-35, *É mais do que comer juntos/as, todos/as que comem são despertados/as a trabalhar, orar pela igualdade, pelo fim da fome e a abraçar todos/as.* Pluralismo e a missão da Igreja na atualidade, p. 99). E mais que comer juntos/as, todos/as que comem são despertados/as a trabalhar, orar pela igualdade, pelo fim da fome e a abraçar todos/as. Há sempre o desafio após cada celebração de servir ao Senhor na Igreja e no mundo. Um convite para assumirmos a responsabilidade social a favor do ser humano, a partir do modelo deixado por Jesus. *A eucaristia denuncia as desigualdades e injustiças, propõe à igreja e ao mundo que sejam um, momento em que buscamos a Deus com nossa fraternidade, amor e justiça,* como prática do ministério terreno de Cristo. Isto está expresso no Credo Social da Igreja Metodista, que completa 100 anos. O Evangelho wesleyano é, simultânea e consistentemente, um evangelho pessoal e público. Deu ênfase à subjetividade (religião do coração), mas

não cessou de contrabalanceá-la com o aspecto social, a vida externa, ações na vida prática do viver cristão (Passos para uma teologia wesleyana brasileira, p.15).

## Considerações Finais

Há uma sintonia fina entre a ação de Jesus, a frase de Wesley “reformatar a nação e espalhar a santidade bíblica sobre a terra” e o Credo Social. Jesus assume a responsabilidade social de transformar os *laos* em *ochlos*. Convidar alguém à mesa é sinal de paz, de confiança, de fraternidade, solidariedade e perdão. Quando as pessoas se reclinam no chão, encostam uma nas outras quebrando barreiras, não há lugares privilegiados e nem posição de poder. Sentar-se à mesa de grupos com os quais não temos intimidade é um desafio de compartilhar a casa e a mesa comum. *O compromisso social de pessoas não nasce de repente, é uma planta que necessita ser regada e celebrada, para que possa sobreviver e ser vivenciado.*

Ana Pinheiro Dos Santos é leiga na Igreja Metodista no Ipiranga, teóloga e mestranda na área de Novo Testamento na UMESP.

Credo  
Social

# A dimensão social na identidade metodista: O DNA metodista da ação social

Welinton Pereira da Silva

<http://founderypictures.com/pages/wny-foundery-pictures.php>



## Servos da humanidade

O Metodismo não foi, segundo o bispo argentino Sante Uberto Barbieri, uma nova forma eclesial. Foi um movimento de renovação espiritual, ao que cita uma estrofe da poesia de Carlos Wesley:

Não anelamos morar em túmulos, nem nas escuras celas monásticas, relegados por votos e barrotes. A todos, livremente, nos ofer-

ecemos, constringidos pelo amor de Jesus, a viver quais servos da humanidade.

Em seu pequeno livro intitulado “Aspectos do metodismo histórico” o referido bispo nos recorda que este desejo de servir a humanidade surgiu na Inglaterra do século XVIII, quando o cristianismo, em todas as suas denominações, definha por esterilidade e estava impotente diante da sociedade. Ao invés de influenciar, o cristianismo es-

tava sendo influenciado, de maneira alarmante, pela apatia religiosa e pela degeneração moral.

## Movimento subversivo

Ainda segundo nosso bispo argentino, era proibido por lei pregar fora dos lugares consagrados para essa finalidade, mesmo no interior das casas, os ofícios religiosos deveriam ser feitos na Igreja Anglicana, mas

João Wesley e os metodistas que não formavam uma igreja, mas eram gente religiosa de todo tipo e de qualquer confissão religiosa, reuniam-se em qualquer lugar que fosse ou não consagrado. Por esta razão, afirma nosso bispo, até o princípio do século XIX, os metodistas tiveram sérios problemas com a justiça. Muitos foram parar nas cadeias por não poderem pagar as multas.

*Credo Social*

## Decoro Humano

Seguindo o pensamento de nosso bispo, Wesley viveu antes da revolução industrial, quando ainda não se tinha consciência de respeito humano, de maneira que deve-se creditar aos primeiros metodistas a semente da idéia do decoro humano, mas também o interesse pelo sofrimento humano, a insistência numa religião de socorro aos indigentes, aos enfermos e aos desgraçados. Segundo o autor, este interesse não era panacéia passageira, mas sim dever de cada dia, cada hora, uma inquietação incessante para com o bem estar do próximo.

## Economia e finanças

No campo das finanças, Wesley recomenda: “De toda a maneira que te seja dada, emprega tudo o que Deus te confiou para fazer o bem aos da família da fé e a todos os homens. De tudo o que tens e tudo quanto és, oferece. Qual sacrifício vivo ao Senhor que não deixou de te dar no Seu filho, o Seu único filho” (do sermão sobre o uso do dinheiro). Segundo

o autor, nas Regras Gerais das Sociedades Unidas, já se nota claramente a preocupação social prática que os seus integrantes deviam alimentar.

## A questão social no Brasil

Nesta segunda parte da reflexão pretendemos expor um panorama da questão social no Brasil de hoje e propor desafios para um agir pastoral na perspectiva da identidade metodista.

Apesar das notícias do grande desenvolvimento econômico que o Brasil tem tido nos últimos anos, até o FMI – Fundo Monetário Internacional, nosso grande “demônio”, nos anos 2000 já não assusta mais, pelo contrario, a dívida com este órgão foi paga para surpresa de todos. Segundo as estatísticas divulgadas nos jornais temos ficado mais ricos a cada dia, porém não é o que se vê na realidade das regiões mais pobres do Brasil como o semi-árido e regiões metropolitanas das capitais e grandes cidades. Alguma coisa parece estar errada, pois apesar das notícias do grande desenvolvimento e da

geração de riqueza, nossas cidades têm cada vez mais pobres nas ruas. Continuamos a nos deparar com crianças muito pequenas nos sinais vendendo balas e fazendo “malabarismos” para ganhar uns trocados e sobreviver. São comuns e constantes os pedidos de oração para empregos em nossas igrejas. A violência contra a criança nunca esteve tão em evidência e a destruição dos recursos naturais da mesma maneira.

Na área da educação chegamos ao cúmulo de mantermos as crianças nas escolas, mas sem necessariamente terem que aprender a ler e escrever. O estado de São Paulo, o mais rico da federação, tem péssimos índices de aproveitamento escolar de suas crianças.

Nossa sociedade chegou ao cúmulo de aprisionar e matar suas crianças, como tem sido noticiado recentemente. No Brasil mata-se uma criança por motivo de violência a cada 10 horas, um verdadeiro extermínio de seres inocentes que estão tendo suas vidas ceifadas precocemente. Infelizmente a revolta da sociedade se volta contra casos isola-

dos, mais por curiosidade, mas nenhuma manifestação é vista contra os milhares de crianças que estão sofrendo violência todos os anos.

Na revista Carta Capital de fevereiro deste ano, saiu uma reportagem sobre a “Balada Canina”, isto mesmo! Um pet shop com uma danceteria e salão de festas para os cachorros. O ingresso sai por 60 reais com direito a comes e bebes e música eletrônica.

## Desafios para o tempo presente

Como nos tempos de Wesley e do surgimento do movimento metodista, os desafios sociais são muitos, a questão econômica continua sobrepondo a questão humana, mas temos uma grande diferença em nosso tempo: os caminhos já estão dados, não precisamos inventar a roda. Sabemos os meios para erradicar vários dos problemas que afligem nossa sociedade. Sabemos por exemplo que a pobreza de muitos não é por causa da preguiça, e sim por causa

*Credo Social*

do acúmulo da riqueza por alguns. Sabemos que muitos passam fome, não por que não tem comida suficiente para todos, e sim por causa da ganância das grandes corporações transnacionais que visam acima de tudo o lucro. Sabemos que muitos morrem de doenças facilmente evitáveis, mas os medicamentos não estão acessíveis a todos. Estes são alguns dos muitos desafios postos para a pastoral de nossas igrejas no tempo de hoje.

Vale citar o grande esforço que organizações governamentais e não governamentais estão fazendo com vistas a um mundo melhor, e creio que estas metas poderiam ser de nossas igrejas também, como forma de sermos fiéis à nossa herança e identidade metodista.

## As metas de desenvolvimento do milênio

- Erradicar a extrema pobreza e a fome;
- Atingir o ensino básico universal;
- Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres;

- Reduzir a mortalidade infantil;
- Melhorar a saúde materna;
- Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças;
- Garantir a sustentabilidade ambiental;
- Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento.

A preocupação e responsabilidade do metodista para com a questão social não é uma opção, e sim algo inerente ao ser metodista.

A Igreja Local: lugar privilegiado da missão/social

O Plano para a Vida e Missão da Igreja é muito atual quando afirma: Na realização do trabalho de Deus, a Igreja Metodista reconhece grandes necessidades que são também desafios da missão:

1. Há necessidade de conhecer a Igreja, especialmente a Igreja local, descobrir suas possibilidades e seus dons, e valorizar seus ministérios para a participação total do povo na missão de Deus.
2. Há necessidade de conhecer o bairro, a cidade, o campo, o país, o continente, o mundo e os acontecimentos

que os envolvem, por que e como ocorrem e suas conseqüências. Isto inclui conhecer a maneira como as pessoas vivem e se organizam, são governadas e participam politicamente, e como isto pode ajudar ou atrapalhar a manifestação da vida abundante.

3. Há necessidade de apoiar todas as iniciativas que preservem e valorizem a vida humana.

As metas do milênio apresentadas acima nos dão um panorama dos principais problemas que nossa sociedade precisa enfrentar neste tempo, e nosso plano para a vida e missão nos dão a estratégia para a ação, ou seja, o local e em parceria com a comunidade e instituições. O sociólogo Betinho, idealizador da campanha contra a fome dizia: “Agir localmente e pensar globalmente”. Como Igreja temos a oportunidade de praticarmos esta ação nos diversos bairros e cidades onde estamos inseridos e fazer diferença.

Termino esta refre-

xão retomando o texto de nosso bispo Barbieri: “João Wesley e os metodistas de sua época eram, ao mesmo tempo, de um certo misticismo prático e de uma ação social ativa. Dependiam muito, tanto na ordem pessoal como na congregacional, da



assistência e orientação do Espírito Santo, do qual sentiam-se agentes e responsáveis ao darem o seu testemunho. Do céu pediam a direção para atuar acertadamente na terra. Que Deus em sua infinita sabedoria nos guie no tempo de hoje para irmos na direção certa em nossa ação missionária e social na realidade de nosso país.

---

Welinton Pereira da Silva é pastor metodista e assessor de Relações Cristãs da Visão Mundial

*Credo Social*

## A dimensão social no serviço cristão

Saulo Baptista

A igreja foi criada para atender necessidades humanas. O ser humano se desenvolveu como um ser social ou seja, desde tempos que se perdem na origem de suas existências na terra, homens e mulheres formaram sociedades, organizadas de modos simples ou complexos. Nesses contextos, a igreja não é apenas mais uma instituição social como as outras, tais como centros comunitários, clubes, sindicatos, partidos etc. A igreja está aí e existe para praticar os ensinamentos de Jesus Cristo e estabelecer os propósitos do Criador em toda a obra de Sua criação, ou seja, em toda a natureza e humanidade; sendo esta, evidentemente, uma parte daquela.

No metodismo há duas formas de compreender a realização desses propósitos divinos em sociedade. De modo bem sumário, a vida cristã pode ser entendida como a prática de “obras de misericórdia” e “obras de piedade”, sendo que ambos os tipos de práticas são essenciais e indissociáveis. Também não

se pode admitir que haja prioridade de umas em relação às outras, pois o cristianismo não é uma teoria para alimentar discursos e diletantismos intelectuais, como também não é apenas um ativismo, ainda que este venha inspirado pelas melhores intenções. Em resumo, a sociedade jamais reconhecerá a força do cristianismo se ela não for evidenciada pelas obras nos dois sentidos mencionados, ou seja, o *serviço* e a *piedade*. E estes deverão ser sempre praticados em comunidade. Neste sentido, mesmo a devoção individual que João Wesley tanto valorizava era um reflexo, uma avaliação consciente, da ação do cristão como ser social. E aqui vale a pena lembrar um pequeno trecho de suas exortações:

“Deus quer misericórdia, e não sacrifício” – isto é, prefere-a ao sacrifício. Sempre, portanto, que um interferir no outro, as obras de misericórdia são preferíveis. Mesmo o ler, o ouvir e o orar devem ser omitidos, ou adiados, “ante o poderoso chamado da ca-



ridade” – quando somos convocados a aliviar a aflição do nosso próximo, seja no corpo ou na alma. [...] Seguis vós o exemplo do Nosso Senhor, preferindo a misericórdia ao sacrifício? Usais de toda diligência ao alimentar o faminto, vestir o nu, visitar os enfermos e os que estão presos? [...] Sede mais zelosos com as obras de misericórdia, [...] aquelas marcas pelas quais o Pastor de Israel identificará suas ovelhas no último dia. (RUNYON, T. **A nova criação**: a teologia de João Wesley hoje. São Bernardo-SP: Editeo, 2002, p. 138).

Parece haver uma contradição entre essas palavras de Wesley e o que foi afirmado no parágrafo anterior. A citação do argumento de

Wesley sugere que ele priorizava a ação humanitária, em detrimento da piedade. Não é este o entendimento, se considerarmos que, para Wesley, a fé cristã era a nova forma da existência humana, restaurada como verdadeira imagem de Deus. Para ele, a vida do cristão era sempre uma existência em sociedade, para servir aos seus semelhantes, como consequência natural de ser uma nova criatura em Cristo. Dizia Wesley: “O cristianismo é essencialmente uma religião social e torná-lo uma religião solitária é destruí-lo. [...] Quero não só afirmar que ela [a religião] não pode subsistir normalmente, mas que não pode subsistir de modo nenhum à margem da sociedade, sem

Credo  
Social

viver e tratar com outros homens” (idem, p. 277).

## Jesus: exemplo e inspiração

A fonte de inspiração de Wesley sempre foi o exemplo de Jesus Cristo, que doou sua vida em serviço a todos os oprimidos: desde os ricos obcecados por suas ganâncias, como o cobrador de impostos e entreguista Zaquê, convertendo-o a ser um homem misericordioso, até aqueles que tinham necessidades básicas de saúde e re-integração ao convívio social, como leprosos, epiléticos, prostitutas, hemorrágicas, doentes mentais e tantos outros.

Jesus enfrentou o cerne do sistema de opressão, quando provocou os sumo-sacerdotes, saduceus e herodianos, no templo de Jerusalém, ao derrubar as mesas dos cambistas, denunciando, assim, a transformação da casa de oração em covil de salteadores. Uma ação política dessa envergadura seria, no tempo presente, as igrejas se unirem e organizarem manifestações contra o Congresso Nacional e o Banco Central, para provocarem mudanças nas políticas financeiras e monetárias, promotoras de concen-

tração de renda, através da agiotagem legalizada, de forma tão escandalosa que a soma dos investimentos do governo federal em programas sociais, para atender 11 milhões de famílias em 2006, ficou abaixo dos lucros dos cinco maiores bancos privados brasileiros, no 1º semestre de 2007. Jesus certamente derrubaria as bancas desse capitalismo selvagem. Não obstante, como sua igreja, estamos fazendo o quê?

## Visualizando ações concretas hoje

A dimensão social no serviço cristão é, também, a presença e a participação de nossas igrejas em mutirões pela paz e ações que neutralizem a violência e denunciem a corrupção. Corresponde, de igual modo, à elaboração e execução de pequenos projetos de educação ambiental e engajamento em ações de desenvolvimento sustentável. A igreja presente na educação secular, através de escolas paroquiais, ou da rede de escolas confessionais maiores, tem condições de praticar uma educação de qualidade e assim denunciar a mercantilização do ensino privado

e o sucateamento da escola pública.

A dimensão social no serviço cristão deve ser um testemunho eloqüente de que o evangelho faz novas todas as coisas, na medida em que participamos, como cristãos metodistas, em organizações de ação social que promovem o bem-estar humano, tais como, conselhos municipais, centros comunitários, sindicatos e partidos políticos, cujo compromisso esteja localizado nos empobrecidos e não nas classes privilegiadas. Um exemplo de testemunho é abriremos nossos templos para promover a auto-organização popular, tornando-nos protagonistas, junto com outros parceiros sociais, de transformações, a partir do bairro onde está inserida nossa igreja local. Assim estaremos sendo “luz do mundo” e “sal da terra”.

Diante do que foi escrito, é nossa missão, como igreja local ou em qualquer outra dimensão, agir a partir da realidade, ou seja, captar e sentir as necessidades das pessoas do bairro, cidade, país e, quiçá, do mundo inteiro, para, a partir dessa percepção e desses desafios, estabelecer o tipo de serviço cristão a ser executado, com inspiração, exclusivamente, no amor de Jesus



Cristo, visto que basta esta motivação, embora outras inspirações até possam ser importantes, como o caráter humanitário de uma ação responsável na sociedade. Em síntese, precisamos ser a presença de Cristo em cada situação concreta que aflige nossos semelhantes. É para isto que somos uma parte da sociedade, chamada para agir como povo metodista, a fim de espalhar a santidade bíblica e a perfeição cristã em toda a terra.

Saulo Baptista é leigo metodista da Região Missionária da Amazônia, doutor em Ciências da Religião, integrante do Movimento Evangélico Progressista.

Credo  
Social

# Desafios do século XXI para o credo social

Nicanor Lopes

O Credo Social promulgado em 1908 pelo Conselho Federal de Igrejas, agora Conselho Nacional de Igrejas Cristãs dos EUA, revela as preocupações sociais da Igreja Cristã da época. Por um lado, a Igreja da época colocava em sua pauta as preocupações sociais da humanidade face aos desafios que se apresentavam no novo século, o XX, e procurava com o Credo Social despertar, na fé cristã, uma postura ética, solidária, ecumênica e socialmente responsável. Por outro lado, neste início do século XXI a Igreja de agora, em sua maioria, não se sensibiliza para uma pauta humanitária, como por exemplo, *as metas para o milênio*.

É provável que quem lê este artigo já tenha visto em sacolas de supermercados, capas de cadernos, *outdoors* e *sites* da Internet as figuras do programa: *As metas para o milênio* [veja a figura]. Assim como eu, creio que poucos devem tê-las visto em boletins de igrejas ou em seus quadros de avisos. Certamente, nesses mesmos espaços de comunicação eclesial sempre encontramos infor-

mações sobre seminários, palestras, livros, e outros, com promessas de prosperidade pessoal, louvores proféticos e outros afins. Pretendo neste exercício pastoral focar, dentro da dimensão profética da Igreja, a primeira meta para o milênio: “Acabar com a fome e a miséria”.

## Sobre a crise de alimentos

Há um sentimento de impotência dentro das igrejas que têm em suas pautas a preocupação social, e uma insensibilidade naquelas que excluem os problemas sociais de sua preocupação espiritual.

Quando fui encorajado a escrever sobre os desafios do século XXI para o Credo Social, a primeira coisa que me veio à mente foi de que precisamos retomá-lo em nossa prática de fé. Suas declarações do início do século XX ainda são contemporâneas para o século XXI. Mas, ao mesmo tempo, dentre os muitos problemas sociais que desafiam a fé cristã, em nossos dias, o que mais me chama a atenção é a crise de alimentos. É isto que entendo ser o

desafio maior da Igreja.

A crise de alimentos, na atual conjuntura do planeta, tem uma complexidade própria. Anualmente os meios de comunicação de massa anunciam o crescimento das safras agrícolas. Países, como o Brasil, ano após ano batem recordes de produção agrícola. Isso não significa que a fome do mundo está diminuindo. Estima-se que os alimentos estão em crescente alta de preços, cerca de 40% em 2007, e seus desdobramentos estão nos conflitos sociais em países com baixa produção de grãos e economias frágeis. Países como República dos Camarões, Moçambique, Haiti, Costa do Marfim, Bolívia, Indonésia, Egito, Índia, Senegal e outros já enfrentam revoltas populares pela alta dos preços e escassez dos alimentos. Alguns especialistas no tema afirmam que uma das causas é a produção agrícola para biocombustíveis. Porém, os países que produzem grãos para a fabricação de biocombustíveis afirmam que essa atitude é uma saída para a crise do petróleo e uma forma de produção de energia limpa.

Como pastoralista não sou um especialista no tema da produção de alimentos. Porém, buscamos ações pastorais para os conflitos do mundo contemporâneo. Entendo que um dos maiores desafios para o século XXI, na perspectiva do Credo Social, é o compromisso da Igreja na expressão solidária para com as pessoas que passam fome.

## Credo é confissão de fé

Credo Social é, também, uma afirmação de fé, e por isso, deve ser vivenciado na vida litúrgica e eclesial da comunidade de fé, no século XXI ele precisa ser professado, não somente, nas celebrações litúrgicas da Ceia do Senhor, quando do partir do pão. Não creio que a visão dicotômica do pietismo do século XVIII, que se encarregou de divulgar uma fé cristã separada da vida cotidiana, como se fosse possível celebrar uma fé celestial num mundo cheio de conflitos, talvez, pior que a dicotomia pietista seja a insensibilidade contemporânea da Igreja pelos que passam fome.

Credo  
Social

Um Credo Social para o século XXI deve confessar que a terra ao ser cultivada deva priorizar o alimento para a humanidade. “Pois comerás do trabalho das tuas mãos; feliz serás, e te irá bem” [Salmo 128.2]. Quando da grande explosão urbana os operários da cidade lamentavam que as casas que construíam não eram por eles habitadas. Chegamos no tempo que os grãos produzidos nos campos não são mais para alimento da humanidade, mas sim para alimentar máquinas e automóveis.

“Dai-lhes vós mesmos de comer” [Lucas 9.13] esse espírito de partilha e solidariedade é o ponto forte no evangelho de Jesus, me parece, ser uma oposição ao que se propala no mundo evangélico sobre prosperidade pessoal e exclusividade de acessos aos bens de consumo.

O Credo Social do século XXI deve denunciar que assim como as casas das cidades não são habitadas pelos trabalhadores da construção, assim também não são os alimentos hoje para a humanidade.

Há pouco tempo vi uma charge que descrevia o seguinte: no centro do quadro uma bomba de combustível sendo alimentada por uma quantidade enorme de alimentos, com os dizeres “alimento do mundo”; do centro desta bomba sai uma demar-

cação do planeta, como as utilizadas nos asfaltos que determinam as pistas de uma rodovia. Do lado direito do quadro com o dizer “hemisfério sul” está uma pessoa com uma criança no colo chorando de fome, olhando assustada para um homem que abastece seu carro. Do outro lado com o dizer “hemisfério norte” que apresenta um homem

## A verdadeira Mesa do Senhor

O maior desafio do século XXI certamente será a fome. O planeta possui uma população com cerca de 6,8 bilhões de habitantes, uma crise ecológica de desmatamento, e começa a dividir o espaço da terra para a plantação de grãos para sustentar os bio-

Senhor está posta, para saciar a fome do espírito, como sacramento. E, por outro lado, esquecer-se da mesa cotidiana das pessoas que não têm o que comer.

O gesto solidário do evangelho nos propõe, em sua centralidade, elementos suficientes para a nossa responsabilidade cristã. Isso não sendo suficiente para nos sensibili-



muito bem nutrido (obeso) abastecendo um carro enorme. A forte característica da *charge* está na voracidade de consumo deste carro, que tem uma boca enorme, e, a pessoa do norte despeja combustível na boca desse carro e pergunta para a pessoa do sul: “Sua criança está com fome? Meu carro está esfomeado”. [<http://marcelinopena.wordpress.com/2008/04/22/empire-notes-capitalism-the-global-food-crisis/>].

combustíveis dos países ricos e agravar a crise de alimentos para os países empobrecidos.

Se falamos de um Credo Social para o século XXI, certamente os apontamentos do credo do século passado (1908) ainda se fazem atuais. Mas, uma atenção especial deverá ser dada à questão da mesa. Por um lado, não basta, como Igreja, afirmar (algumas mensalmente) que a Mesa do

zar, certamente as palavras de Jesus servem de base bíblica-teológica-pastoral: “Dai-lhes vós mesmos de comer” [Lucas 9.13]; “Tive fome e me deste de comer...” [Mateus 25.35]. Creio que este é o maior desafio social da Igreja para o século XXI.

Nicanor Lopes é pastor metodista e professor de Missão e Evangelização na FaTeo, onde também coordena o Curso de Teologia em EAD.

Credo  
Social

# Pensamentos sobre a falta atual de alimentos

John Wesley

Recentemente muitos artigos têm sido publicados sobre a atual falta de alimentos, com suas causas apontadas por homens de experiência e reflexão. Mas, será que não falta algo nessas publicações? (...) Voluntariamente, ofereço a homens abertos

uma refeição um dia sim, outro não. Conheço outra pessoa que, embora há poucos anos tivesse todas as conveniências da vida, hoje cata do esterco larvas fedorentas e as leva para casa para repartir com os filhos.

(...) De uma terceira,

terem nada para comer é a falta de emprego.

1.2. Mas, por que não têm emprego? Porque os ex-patrões não podem mais mantê-los. (...) Não podem empregá-los porque não têm mercado para seus produtos; os alimentos são tão caros que a maioria do povo não pode comprar quase mais nada.

1.3. Mas, por que os alimentos são tão caros? Particularmente, por que a farinha está tão cara? Deixando de lado razões parciais, a causa é que enormes quantidades de milho são usadas para fabricar bebida. Juntando todos os fabricantes da Inglaterra, temos razão para crer que um pouco menos da metade do trigo produzido no Reino, cada ano, é consumido na fabricação desse perigoso veneno, veneno que naturalmente destrói, não somente a força física e a vida, mas também os valores morais de nossos compatriotas.

Esse fato pode ser rejeitado: “Isto não é possível. Sabemos pelo imposto pago quanto ao milho é destilado”. Sabemos mesmo? Não haverá dúvida

de que todo o imposto é pago sobre o milho que é destilado? E que dizer do grande número de alambiques particulares, que não pagam qualquer imposto? Eu mesmo já ouvi um empregado de um eminente destilador, ocasionalmente declarar que para cada litro, sobre o qual pagou o imposto, ele destilou seis sobre os quais não pagou nada. Sim, já ouvi destiladores afirmarem: “Temos que fazer isto para sobreviver”. Logicamente, então, não podemos julgar pelo imposto pago, quanto milho é usado na fabricação de bebida.

“Entretanto o imposto traz grandes reservas para o Reino”. Isto vale, Majestade, pela vida de seus súditos? Sua majestade venderia cada ano, à Argélia, cem mil dos seus súditos por 400 mil libras? Certamente não. Os venderia por aquela quantia então, para serem abatidos pelos seus compatriotas? Ah, não diga a Constantinopla que os ingleses aumentam seus impostos vendendo a própria carne e o sangue de seus compatriotas!

1.4. Mas, e a aveia, por que é tão cara? Porque o número de cavalos para



42-18794345 RF © moodboard/Corbis

e benevolentes, algumas idéias sobre esse importante assunto, propondo algumas questões e acrescentando a cada uma delas o que parece ser a resposta óbvia e direta.

1.1. Primeiro pergunto: por que milhares de pessoas estão morrendo em toda a nação? Que é um fato eu sei, pois tenho visto com meus próprios olhos por todo canto da terra. Conheço pessoas que só podem comer

ouvi a inocente declaração: “De fato estava quase desmaiando e tão fraca, que quase não podia nadar, até que o meu cachorro, não achando nada em casa, saiu e trouxe de volta um osso em estado relativamente bom, o qual tirei de sua boca e fiz um bom jantar”. (...) Por que tantos não têm nada para comer? Por que muitos não encontram nada para fazer? A razão de não

Credo  
Social

carruagem e charretes particulares é quatro vezes maior do que era quatro anos atrás. Se não se produz quatro vezes mais aveia do que se produzia há quatro anos, o preço não pode ser o mesmo. Se apenas duas vezes da quantia é produzida, obviamente o preço dobrará. (...)

1.5. Por que a carne de boi e de carneiro são tão caras? Porque muitos fazendeiros que criavam grandes rebanhos de ovelhas e de gado, ou ambos, agora não criam nada. Eles podem melhor aproveitar da terra criando cavalos para exportação.

1.6. Mas, por que o porco, as aves domésticas e os ovos são tão caros? Por causa da monopolização das fazendas; talvez o monopólio mais diabólico jamais introduzido neste Reino. A terra, que há alguns anos atrás era dividida entre dez ou 20 pequenos posseiros e que lhes permitia sustentar suas famílias confortavelmente, é agora englobada por um grande fazendeiro. (...) Cada uma dessas famílias tinha porcos e aves domésticas que voluntariamente enviavam ao mercado. Os mercados, portanto, eram abastados e a abundância mantinha os preços ao alcance do povo. (...) É só examinar a cozinha dos poderosos, dos nobres e da corte, quase sem exceção, é observado surpreendente

desperdício, não mais se admirará da escassez, e do resultante alto custo daquilo que eles com tanta agilidade destróem.

1.7. Mas, por que a terra está tão cara? Porque, pelas razões acima, a aristocracia não pode viver da forma que está acostumada, sem aumentar sua renda, o que a maioria só pode fazer aumentando os alugueis. Assim, o posseiro, pagando mais aluguel pela terra, precisa ganhar mais pelos produtos. Isto, por sua vez, aumenta o preço da terra e assim a roda gira.

1.8. Mas por que não somente os alimentos e a terra, mas quase todas as outras coisas são tão caras? Por causa dos enormes impostos que são cobrados sobre quase tudo.

1.9. Mas por que os impostos são tão altos? Por causa da dívida nacional. Eles tem que ser mantidos altos, enquanto a dívida existir. (...) Resumindo, então: milhares de pessoas em toda a terra estão morrendo por falta de alimentos. Isto é devido a diversas causas; mas, acima de tudo, à fabricação de bebida, aos impostos e ao luxo.

Aí está o mal e as inegáveis causas dele. Mas onde está o remédio? Talvez exceda à sabedoria humana dizer. Mas, não seria um erro oferecer algumas sugestões no assunto.

2.1. Qual o remédio para curar esta úlcera maligna para as milhares de pessoas morrendo de fome? Arranjar emprego para elas, e elas acharão o seu sustento.

2.2. Mas como a aristocracia pode arranjar-lhes emprego sem se arruinar? Procure um mercado para o seu produto e os patrões lhe darão emprego de sobra. E isto se faz diminuindo os preços dos alimentos, pois assim o povo também terá dinheiro para outros produtos.

2.3. Mas como reduzir o preço do trigo e da cevada? Proibindo, para sempre, acabando completamente com aquela praga à saúde, (...) que é a fabricação da bebida! (...) O preço do milho abaixaria pelo menos um terço.

2.4. Como reduzir o preço da aveia? Reduzindo o número de cavalos. E seria possível fazer isto (sem prejudicar no seu trabalho): a) colocando um imposto de dez libras sobre cada cavalo exportado à França; b) colocando um imposto sobre as carruagens da aristocracia.

2.5. Como reduzir o preço da carne de boi e de carneiro? Aumentando os rebanhos de ovelhas e gado. E isto aconteceria sete vezes mais, se o preço dos cavalos fosse diminuído.

2.6. Como reduzir o preço do porco e das aves domésticas? a) não

arrendando terras a preço superior a 100 libras por ano; b) diminuindo o luxo, por lei, por exemplo, ou por ambos.

2.7. Como reduzir o preço das terras? Por todos os modos acima mencionados, visto que cada um contribui para diminuir as despesas de capital; especialmente o último, restrição de luxo, que é a maior e a principal fonte de necessidade.

2.8. Como diminuir os impostos? a) acabando com a metade da dívida nacional, economizando desta maneira uns dois milhões de libras por ano; b) acabando com todas as pensões ridículas dadas as centenas de pessoas à toa, tais como as de governadores de fortaleza ou castelos, que nestes 100 anos só abrigaram gralhas e corvos.

Mas isso será feito? Receio que não. Pelo menos não temos razão de esperar que sim, pois qual o bem que podemos esperar, sendo as Escrituras verdadeiras, de uma nação tal como esta, onde há tão profundo, declarado e completo desprezo a toda religião e não há temor a Deus? Parece que resta apenas Deus atuando por sua causa. E assim, sendo, que caíamos nas mãos de Deus e não dos homens.

Lewisham, 20 de fevereiro de 1773

Texto extraído de *The Works of John Wesley*, Vol XI, 53-59. Tradução de Donald Raffan.

# As obras principais de Walter Rauschenbusch na internet

Helmut Renders

O pastor batista norte americano com descendência alemã Walter Rauschenbusch (1861-1918) é considerado um dos mais importantes representantes do Evangelho Social. Sua obra inicial “**A cristandade e a crise Social**”

reconhecimento pontual, por exemplo, de Rubem Alves, que prefaciou o livro *Orações por um mundo melhor*, editado pela Paulus, e posteriormente, gravou uma seleção dessas orações num audiolivro, Rauschenbusch não é lido no Brasil. Teólogos de ou-

fase da industrialização e urbanização acelerada e selvagem. Ele conhecia seus efeitos de perto durante a sua primeira nomeação pastoral entre 1886 a 1897. A sua comunidade vivia no Westend de Nova Iorque, designada por seus habitantes como “cozinha do diabo”. O filme *Gangues de Nova Iorque* (1863) e o musical *West-Side-Story* (1957) descrevem o ambiente bem. A dedicatória do seu primeiro livro explica a sua motivação:

*Escrevo este livro para pagar uma dívida. Fui onze anos pastor entre os trabalhadores da West Side de Nova Iorque. [...] nunca perdi a sensação de que devo dar um retorno a esta gente simples, que era minha amiga. Caso este livro, no sentido mais amplo, possa contribuir para diminuir a pressão sobre eles, levantando-os e fortalecendo-os, vou ter meu encontro com o Senhor da minha vida com mais certeza.*

A sua mística lembra de John Wesley:

*Em quase todas as formas do cristianismo se avalia a experiência mística como a forma mais alta da santificação. [...] Sem dúvida nasceram dela sobre condições favoráveis, um espírito de serviço, humildade e coragem. O seu*

*perigo é que ela pode isolar. [...] Eu acredito na oração e na meditação na presença de Deus. Quando a alma fica perceptiva por Deus perdem-se o medo, a vontade de acumular riquezas e qualquer ambições egoístas [...]. Quando o homem tem que enfrentar trabalho duro ele necessita receber dessa fonte silenciosa. Mas que ele recebeu dessa fonte, deve ser investido. A santificação pessoal deve servir o Reino de Deus.*

Para chegar a esta mística, Rauschenbusch passou também por muitas decepções, inclusive com a sua amada Igreja Batista, especialmente a do ramo alemão mas conseguiu manter proximidade com a igreja e não cansou em lutar durante toda a sua vida para a sua reforma e a transformação da sociedade.

deu o impulso final para a criação do Credo Social da Igreja Metodista Episcopal em 1908, e tornou-se, ainda no mesmo ano, o Credo do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs dos Estados Unidos da América do Norte. Apesar de um

reconhecimento pontual, por exemplo, de Rubem Alves, que prefaciou o livro *Orações por um mundo melhor*, editado pela Paulus, e posteriormente, gravou uma seleção dessas orações num audiolivro, Rauschenbusch não é lido no Brasil. Teólogos de outros países como Dietrich Bonhoeffer, H. Richard Niebuhr, Martin Luther King, jr., Visser't Hooft, Harvey Cox e Gustavo Gutiérrez, reconheceram a sua importância.

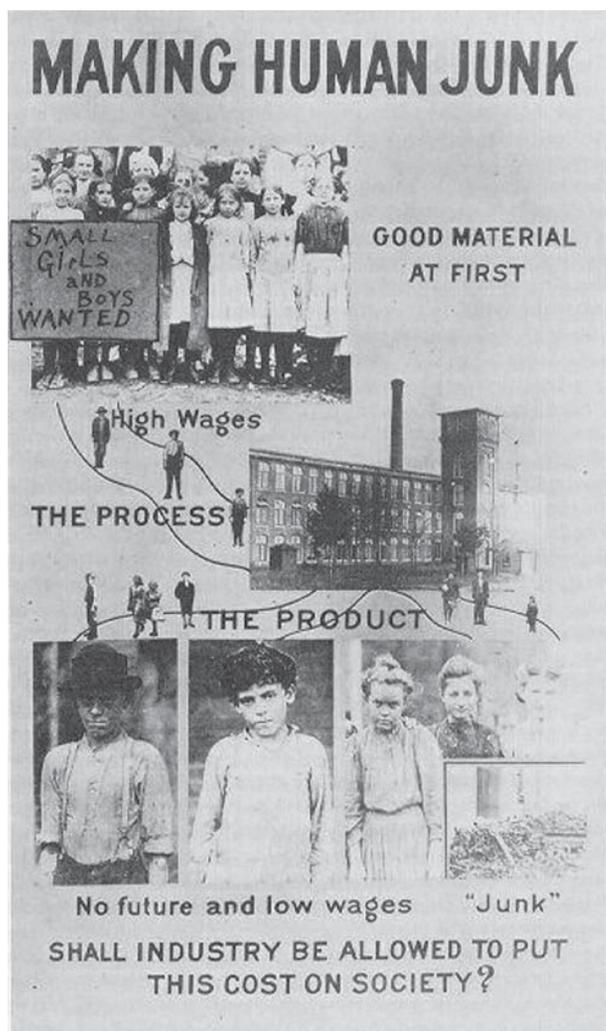
W. Rauschenbusch escreveu numa

Credo  
Social



A ordem dos livros indicada no quadro é cronológica. *A justiça do Reino* foi publicado postumamente, 50 anos depois da sua morte, em 1918.

Helmut Renders é missionário da Igreja Evangélica Metodista na Alemanha, doutor em Ciências da Religião e professor da FaTeo, onde é também secretário-executivo do Centro de Estudos Wesleyanos.



1. **The Righteousness of the Kingdom [A justiça do Reino]**. Max L. Stackhouse (Ed.). Nash-ville, New York: Abingdon Press, 1968. Cf. <<http://books.google.de/books?id=YEwcAAAAMAAJ&q=Rauschenbusch&dq=Rauschenbusch&hl=pt-BR&pgis=1>>.

2. **Christianity and The Social Crisis [A Crisandade e a crise social]**. New York, Londres: The Macmillan Company, 1908 [1ª edição 1907]. Cf. <<http://www.archive.org/details/socialcrisis00rausuoft>>.

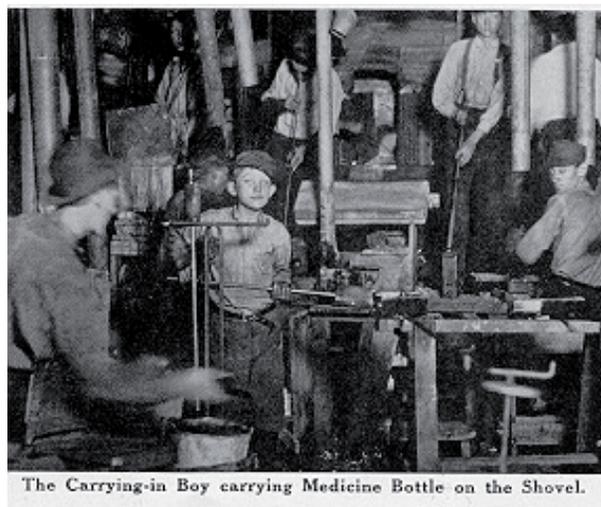
3. **For God and the People: Prayers of the Social Awakening [Por Deus e o povo: orações de despertar social]**. Boston, New York, Chicago: The Pilgrim Press, 1910. Cf. <<http://www.archive.org/details/forgodandthepeop00rausuoft>>.

4. **Christianizing the Social Order [Cristianizando a ordem social]**. New York, London: The Macmillan Company, 1912. Cf. <<http://www.archive.org/details/christianizingth00rausuoft>>.

5. **Dare we be Christians [Que sejamos cristãos]**. Boston, New York, Chicago: The Pilgrim Press, 1914. Cf. <<http://www.archive.org/details/darewebechristia00rausuoft>>.

6. **The Social Principles of Jesus [Os princípios sociais de Jesus]**. Henry H. Meyer (Ed.). New York, Cincinnati: The Methodist Book Concern, 1916. Cf. <<http://www.archive.org/details/thesocialprincip00rausuoft>>.

7. **A Theology of the Social Gospel [A Teologia do Evangelho Social]**. New York, London: The Macmillan Company, 1918. Cf.



*Credo  
Social*

# Superando os limites na caminhada missionária, numa leitura de Atos 1.8

Sueslby José Ferreira

## Leitura Bíblica: Atos 1.6-9.

**L**embro-me de uma experiência em que havia uma senhora em minha comunidade de fé que era considerada o exemplo de serva de Deus. Todos olhavam para ela como uma ótima referência (inclusive eu), pois ela fez parte do meu chamado para o ministério pastoral. Em um certo dia, aqui na Faculdade, recebi uma mensagem dizendo que esta irmã havia falecido. Ao retornar à minha cidade, um irmão me disse que agora não tinha mais jeito, ninguém mais iria fazer o que aquela senhora fazia. Eu lhe disse que quem iria dar prosseguimento a essa missã, seríamos nós: eu, ele e todos da comunidade. Essa experiência me leva ao relato em que Jesus subiu aos céus e deixou os discípulos para continuarem a sua missão... irmãos/as, o nosso grande desafio enquanto igreja (discípulos/as), ainda é ser testemunha de Jesus. Precisamos superar os limites nesta caminhada missionária. Assim como aconteceu em “minha” comunidade, os discípulos de Atos também devem ter se sentidos abando-

nados e despreparados, pois deviam dar prosseguimento ao ministério de Jesus...

... porém, assim como eles tiveram, nós também temos o Espírito Santo, como o nosso grande motivador missionário. No decorrer do livro de Atos, vamos notar a importância do Espírito Santo para a Igreja Primitiva. Este livro, segundo estudiosos, foi escrito por volta de 80/90 d.C, e tradicionalmente, o autor deste livro é Lucas, um conhecedor da gramática e dos recursos lingüísticos. A expansão da Igreja em Atos acompanha a predição de Cristo: Jerusalém é evangelizada (1.12); Judéia e Samaria são atingidas (8.1-40); o Evangelho avança sem parar pelas terras gentias até Roma (9.1-28). É interessante notar que o mesmo Lucas relata, em seu evangelho no capítulo 24. 47-49, que essa missão confiada aos discípulos deveria ter a participação do Espírito Santo. Por localização e ênfase, o verso oito do primeiro capítulo de Atos, parece designar claramente o propósito deste livro, pois aqui trata-se de uma história especial, que narra o estabelecimento

e a expansão da Igreja entre os judeus e gentios, ou seja, de Jerusalém a Roma. Analisando o texto lido, percebemos que se trata do “acontecimento da ascensão”, e é nessa perspectiva que se relata o começo da atividade do Espírito Santo sobre a Igreja, daí, notamos na expressão de Jesus: “e sereis minhas testemunhas” que se trata de um seguimento, de uma continuidade da missão iniciada por ele, e que passou a ter a participação “ativa” do Espírito Santo...

... desta maneira, chamados e chamadas a pastorear, somos desafiados a superar os limites e barreiras territoriais da nossa vida pastoral, e acima de tudo, chamados/as para testemunhar Jesus por toda a parte. A dimensão geográfica da expansão missionária da Igreja de Atos dos Apóstolos inicia-se a partir de alguns limites.

## Desenvolvimento

O primeiro limite é ser testemunha em:

- I. *Jerusalém*: Jerusalém – [Lugar de Paz], uma cidade situada a uns 50 Km do mar Mediterrâneo e 22

Km do mar Morto, e a uma altitude de 765m. Segundo Atos dos Apóstolos, Jesus antes de subir ao céu, disse aos discípulos para permanecerem em Jerusalém até que eles fossem revestidos de poder, ordem essa obedecida, pois os discípulos ficaram em Jerusalém até o Pentecostes (At.2.1-4). Jerusalém é o centro dos acontecimentos salvíficos, e é lá que a Igreja foi impulsionada pela obra de Jesus. Ser testemunha em Jerusalém! Será que entendemos realmente o que é testemunhar Jesus e os seus feitos? Jesus disse aos discípulos, que era para eles testemunhá-lo, começando por Jerusalém. A “nossa Jerusalém” está situada muito próxima a nós. Ela é o nosso primeiro limite, ou seja, a nossa igreja local, o nosso bairro; o local de trabalho; a ‘faculdade de teologia’. São nesses lugares, que as pessoas nos conhecem bem, podendo assim conferir nossas vi-

Sermão

das, vindo em nós verdadeira mudança que o evangelho traz para a vida humana.

O segundo limite é ser testemunha em toda a:

II. *Judéia*: Judéia – Parte sul das três regiões em que a província romana da Palestina se dividia. Media aproximadamente 90 km, estendendo-se do mar Morto ao Mediterrâneo. Em alguns casos, como em Lc. 1.5, Judéia se referia a toda a Palestina (um estado). Certamente, os discípulos não poderiam, e nem deveriam se contentar apenas em testemunhar a Jesus somente em Jerusalém, pois o Evangelho deveria se espalhar e ser anunciado ao seu redor, ou seja, ser anunciado em toda a Judéia.

Trazendo para os nossos dias, onde se encontra a nossa Judéia? Percebemos no relato de Atos, que através do Espírito Santo, o evangelho se espalhou por toda a Judéia, por todo o estado e cidades vizinhas. “Nossa Judéia” são aquelas cidades e lugarejos aonde o evangelho ainda não chegou, e “levantando a nossa bandeira”, são aqueles lugares em que mesmo havendo a presença do protestantismo, ainda não existe nenhum

trabalho metodista (precisamos, digo, necessitamos estar presentes em muitos outros municípios).

Superando a caminhada, além da Judéia, o terceiro limite é ser testemunhar em:

III. *Samaria*: Samaria – [Torre de Guarda], um estado vizinho da Judéia, a oeste do mar Mediterrâneo, uma região central da “Terra Santa”, que compreendia as tribos de Efraim e Manassés. Conforme o capítulo oito de Atos, essa região, considerada um território quase proibido para os judeus religiosos, foi evangelizada pela pregação dos apóstolos Filipe, Pedro e João. Samaria era uma área (estado) de direto conflito com a Judéia, sendo assim, a expansão missionária era mais que um seguimento, era um desafio histórico a ser superado. A “nossa Samaria” são os estados vizinhos aonde não chegou o Evangelho. Talvez lugares mais distantes de nosso local de origem. Se realmente somos “parceiros” de Jesus na missão, precisamos como membros da Igreja de Cristo, enviar e sermos enviados para o vasto campo missionário que nos está proposto. Hoje, a

Igreja Me-

todista está presente em todos os estados brasileiros, porém, precisamos nestes mesmos estados, chegar em muitos municípios. Para isso, a Igreja conta com a minha e a sua aptidão missionária.

Além de Jerusalém (nosso bairro, lugar mais próximo de nós), Judéia (cidades vizinhas) e Samaria (estados vizinhos), temos, como Igreja, de superar os limites e ser testemunhas...

IV. “... até aos confins da terra”: para a Igreja Primitiva, significou a chegada do evangelho à Síria, Grécia e Roma. Até chegar “aos confins da terra”, o evangelho foi pregado em Jerusalém, em seguida se espalhou pela Palestina e Samaria. A próxima fase relata a difusão do evangelho através da Ásia Menor e da Europa, para enfim chegar a Roma, como relata Atos 19.21. Para entendermos essa expansão, temos de perceber que em Jerusalém, os apóstolos eram testemunhas apenas diante dos judeus, e não poderia permanecer assim, por isso, o evangelho vai se espalhando para então chegar a Roma, e cumprir o que fora dito em Atos 1.8.

O “nosso confins da terra”,

são lugares ainda mais distantes que bairros, cidades e estados. Este representa lugares fora do nosso país. Hoje a missionários metodistas espalhados pelo mundo (Estados Unidos, Suíça, dentre outros), mas não poderíamos deixar de dizer que ainda há muitos outros países esperando a chegada do evangelho através de nós.

## Concluindo...

Quando o evangelho, através de Paulo, chega a Roma, o autor de Atos encerra seu relato. Fim da história? NÃO! Muitas igrejas estão ainda olhando para as alturas, esperando Jesus voltar; mas há muito que fazer. Devemos sim, olhar para o campo, para o lugar onde a missão vai ser realizada. E se me perguntarem quem deve fazer a missão, sem medo eu respondo que todos nós, pois temos o Espírito Santo. Não só no verso 8 do capítulo 1, mas em todo o livro de Atos, o Espírito Santo é o verdadeiro iniciador da missão apostólica, por isso, para o desenvolvimento missionário, é indispensável sua participação.

Parafraseando John Wesley, posso dizer que:

“O melhor de tudo é que o ‘Espírito Santo’ está conosco”. Amém! Deus nos abençoe!

Sueslhey José Ferreira é estudante formando da fateo (7º semestre do curso de teologia), vinculado à 5ª região eclesial da igreja metodista. Sermão apresentado à disciplina homilética da fateo com aprovação.

Sermão

# Luzes, câmera, pregação!

## Princípios meios e fins da homilética espetacular

Luiz Carlos Ramos

### Introdução

A prática homilética contemporânea é moldada pela sociedade do espetáculo. A base principal dessa sociedade espetacular é a economia de mercado globalizada aliada aos meios eletrônicos de comunicação de massa e à tecnologia da informação, de onde surge o seu principal produto: a indústria do entretenimento. Nessa sociedade, dá-se, sistematicamente, o processo de degradação do ser para o *ter* e do *ter* para o parecer (por exemplo: já não basta *ser* rico e *ter* dinheiro, é preciso parecer rico e parecer ter muito dinheiro).

Os meios eletrônicos, tais como o rádio, a TV e a Internet são, basicamente, instâncias recreativas, instrumentos de diversão, parques de entretenimento. Como meios espetaculares, representam (encenam) a realidade. Não são a realidade, mas imagens do real, como espelhos (*speculum*). A fruição dessa não-realidade, implica na alienação da vida, ainda que por alguns instantes, pela contemplação da representação do real que se vê nas telas e monitores, ou que se ouve nos receptores de rádio. Essa suspensão da existência é precisamente o sentido da palavra entretenimento: *ter+entre*. Abre-se um parêntese na vida real, para que se possa assistir a vida representada. Por que isso acontece, isto é, por que as pessoas abrem esses parênteses em suas vidas com frequência cada vez maior não cabe aqui discutir. O fato é que assim é.

### Princípios homiléticos espetaculares

Os princípios espetaculares regem a homilética espetacular. Enquanto, na homilética convencional, as bases da pré-dica são as teologias bíblica, sistemática e pastoral, por meio dos processos exegéticos, hermenêuticos e retóricos, na homilética espetacular, essas bases são outras. Primeiramente, em lugar da exegese, que seria o processo pelo qual o intérprete visita o

texto bíblico em busca de sua história e do seu sentido primeiro, a homilética espetacular prefere a *eisegese*, que é o processo pelo qual o intérprete projeta sobre o texto as suas próprias idéias. Isso porque a história como memória significativa de um povo não interessa para o mundo do espetáculo. Este, ao contrário se alimenta do novidoso. A história só interessa enquanto servir para os propósitos da indústria do entretenimento. Por exemplo: a história do Dia Internacional da Mulher, não interessa à mídia como história da conscientização de pessoas a partir de uma tragédia que vitimou 129 mulheres operárias, na cidade de Nova Iorque, no dia 8 de março de 1857. Por isso, sem pudor, a publicidade aproveita a ocasião para vender lingerie, cosméticos e outros artigos de moda. O espetáculo refaz a história segundo os seus próprios interesses, num procedimento eisegético sistemático.

Em segundo lugar, enquanto a homilética convencional, mediante o procedimento hermenêutico, procura atualizar a mensagem do texto bíblico à luz da tradição e do testemunho acumulado historicamente pela Igreja, a homilética espetacular opta pela “pesquisa de opinião”. A homilética, para subsistir no mundo do espetáculo, precisa agradar às massas. Deve, portanto, oferecer não o que a massa precisa, mas o que ela quer. Se, em outros tempos havia um compromisso de coerência com o que os pregadores supunham ser a verdade, no mundo da mídia, a verdade é a opinião pública, o Ibope. Como se trata de um empreendimento demasiadamente oneroso, a homilética da mídia não pode se dar ao luxo de dispensar audiência. Para tanto, procede à constante monitoração desta, e reformula sua proposta de acordo com a adesão conquistada. Em uma palavra, a hermenêutica da mídia é o Ibope. Daí a necessidade dessa homilética de trabalhar com os mesmos mecanismos de sedução da mídia: o apelo ao narcisismo, os estereótipos, o mecanismo de transferência de valores e o fascínio das estrelas, para mencionarmos apenas alguns.

Reflexão

Finalmente, em lugar da retórica sagrada, que se encarrega de traduzir em acontecimento a intenção do pregador ou pregadora, na forma de desafios concretos para a transformação ou confirmação de valores com vistas a um futuro melhor, na homilética espetacular, essa escatologia é substituída pela ansiedade imediatista do aqui e agora. Assim como não interessa ao espetáculo o passado, tampouco interessa o futuro. Para a sociedade do espetáculo, tudo é um eterno presente. Assim, alimenta-se de uma vertiginosa enxurrada de eventos (por exemplo: as Olimpíadas devem dar lugar à Copa do mundo, que deve dar lugar às eleições presidenciais, que devem dar lugar às comemorações natalinas, etc., etc.). Não se deve esperar para consumir amanhã o que se pode consumir hoje. A expectativa do celeste porvir, das antigas tradições cristãs, dá lugar ao imediato labor pela satisfação iminente das aspirações de prosperidade e sucesso.

## Meios homiléticos espetaculares

Além dos princípios, deve-se pensar a respeito dos meios homiléticos espetaculares. Ora, o meio privilegiado pela homilética convencional é o da alocação, isto é, o processo oral-verbal pelo qual a palavra se torna acontecimento. No caso da homilética espetacular, a palavra deve dar lugar à imagem, e o processo oral-verbal, ao imagético-visual. No primeiro caso, a principal ferramenta persuasiva é a recorrência à metáfora, que, dentre as figuras de linguagem, é a que mais tem a capacidade de sensibilizar o corpo, mas sempre a partir de um disparo intelectual, de um estímulo racional. No caso do espetáculo, o principal elemento de sedução é a metonímia, processo pelo qual se pode tomar a parte pelo todo. Assim se dá o processo de enquadramento das câmeras (de TV, de cinema, da Web...): elas selecionam o assunto, deixando, propositalmente, de fora o que não interessa. Esse processo gestáltico de seleção

(e, por conseguinte, de exclusão) não está imune às ideologias, antes se prestam muito a servi-la. A imagem metonímica, ao contrário da metáfora, faz o caminho do coração para o cérebro, isto é, primeiramente a gente “sente” uma imagem, depois (às vezes muito depois) a gente pensa sobre ela.

Como o papel da mídia, numa sociedade espetacular comandada pelo mercado, é vender produtos, a metonímia imagética torna-se muito útil, pois uma pessoa é convertida em consumidor não pela razão, mas pela emoção. Se o indivíduo pensar muito ele não compra,



principalmente os produtos supérfluos. Mas, como já foi dito alhures: a propaganda é a arte de fazer você comprar o que você não precisa, com o dinheiro que você não tem. E isso só acontece por impulso. Depois da compra é que o consumidor parará para pensar (e amargar) a sua impulsividade.

Dessa forma, enquanto a homilética convencional se ocupa, principalmente do *significado* (conteúdo), a homilética espetacular se concentra no *significante* (forma). O conteúdo espetacular se constitui de mera

Reflexão

desculpa para a elaboração de um invólucro atrativo, sedutor, irresistível, capaz de valorizar (atribuir valor) e precificar o seu produto.

## Fins homiléticos espetaculares

Também é preciso que se analisem os fins da homilética espetacular. Segundo Gui Debord, o fim do espetáculo é o próprio espetáculo. Ele deve constantemente se retroalimentar, pois ele se consome a si mesmo. O espetáculo vive de si mesmo. Note-se a frequência com que programas da mídia são montados em cima de suas próprias personagens (estrelas). A mídia, constantemente noticia a própria mídia, entrevista a própria mídia, elabora documentários sobre a própria mídia, num verdadeiro círculo vicioso de auto-promoção. Daí a frequência dos apelos dos telepregadores para que seus telespectadores contribuam para a manutenção do programa. O objetivo é manter o programa no ar, e é por isso que ele vai ao ar: para ficar no ar.

Ora, a homilética convencional, enquadrava suas prédicas nas categorias discursivas aristotélicas, a saber: o discurso judiciário, pelo qual interpreta-se e julga-se sobre o passado (procedimento exegético); o discurso demonstrativo, pelo qual se expõe sobre a relevância ou não de certa questão (procedimento hermenêutico), pelo qual algo deve ser louvado ou criticado no presente; e, finalmente, o discurso deliberativo, pelo qual se decide a respeito do futuro (processo retórico), se algo deve ou não ser implementado, deve ou não ser realizado, e de como isso se dará.

Por sua vez, para alcançar seus fins, a homilética espetacular adota outras categorias, oriundas do teatro: a comédia e a tragédia (e suas derivações). Nesses gêneros teatrais, as emoções são preponderantes. O riso e o choro purgam o indivíduo de suas próprias misérias.

Pelo riso, o desgraçado alivia suas penas, e pelo choro o abastado se penitencia de suas injustiças.

Da combinação da tragédia e da comédia nasceu o drama. Nessas categorias, joga um papel particularmente importante a música. Não somente como prelúdio e poslúdio, mas como trilha sonora e parte integrante da cena.

Portanto, a homilética que melhor se adequa aos meios eletrônicos de massa é aquela carregada de forte teor emocional, que tem a capacidade de provocar na sua audiência, alternadamente, o riso e, principalmente com o concurso da música, produzir o choro. Há uma dependência crescente da música, no processo discursivo contemporâneo.

## Conclusão

Concluindo, a prédica espetacular desafia a homilética convencional, à medida em que se apresenta como fenômeno aliado à ideologia hegemônica do espetáculo-mercado. É a pregação da massificação e do lucro sobrepujando a prédica da resistência e da graça.

Os protestantes vivem hoje, o que a Igreja cristã experimentou no século IV, sob Constantino: uma religião outrora minoritária e de proscritos, de repente se torna religião oficial e hegemônica. Em lugar de perseguição, passou a ser vantajoso ser cristão. Assim também os evangélicos brasileiros vivem um processo de constantinização espetacular: outrora proscritos e minoritários, começam a experimentar a notoriedade e a celebridade.

Aonde isso nos levará são cenas dos próximos capítulos...

---

Luiz Carlos Ramos é pastor metodista, doutor em Ciências da Religião e professor de Liturgia e Homilética na FaTeo.

Reflexão

# Jürgen Moltmann em diálogo no Brasil

Com muita honra, a Universidade Metodista de São Paulo realizará em conjunto duas de suas tradicionais e destacadas Semanas de Estudos: a Semana de Estudos Teológicos da FaTeo e a Semana de Estudos da Religião do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, para, especialmente, acolher um diálogo com o destacado teólogo alemão Jürgen Moltmann (27 a 31 de outubro de 2008).

O teólogo oferecerá conferências com um balanço das principais questões presentes em sua produção teológica, conhecida como *Teologia da Esperança*, desenvolvida ao longo dos anos, com destaque para aquelas que se inserem mais fortemente no Século XXI.

Durante o evento, a Universidade Metodista de São Paulo concederá a Jürgen Moltmanno título Doutor Honoris Causa, em cerimônia especial na noite de 30 de outubro, como expressão de gratidão e reconhecimento

pelo valor, pública e incontestavelmente afirmado, do conjunto de sua obra para o cristianismo e a sociedade contemporânea.

A vinda de Moltmann ao Brasil é uma iniciativa do Instituto Mysterium (Rio de Janeiro) realizada em conjunto com a Universidade Metodista de São Paulo.

As instituições interessadas em participar como parceiras deste diálogo histórico devem contatar o prof. Claudio de Oliveira Ribeiro, um dos responsáveis pela coordenação do evento: [claudio.ribeiro@metodista.br](mailto:claudio.ribeiro@metodista.br).

Quem tiver interesse em participar do evento deve acompanhar detalhes sobre as inscrições no site da FaTeo, <http://www.metodista.br/fateo> e pode, desde já, se cadastrar pelo e-mail [comfateo@metodista.br](mailto:comfateo@metodista.br) para receber informações, diretamente, sobre o evento.

## A contribuição de Jürgen Moltmann

*José Carlos de Souza, professor da FaTeo*

A contribuição inestimável do Dr. Moltmann para a reflexão teológica, tanto quanto para a presença e ação pública das Igrejas na sociedade contemporânea, transcende as fronteiras da Europa e é universalmente reconhecida. Suas obras, traduzidas para diversas línguas, estão entre as mais influentes e o projetam entre os mais importantes teólogos dos séculos XX e XXI. A seriedade de sua interpretação da mensagem cristã, a sua profundidade filosófica, a sua permanente abertura para as angustiantes questões contemporâneas, a sua aguçada sensibilidade social e política, o seu compromisso com as causas dos Direitos Humanos, da justiça e da paz, da ecologia e do ecumenismo, entre outras, aliada à sua fecunda produção intelectual justificam, sem dúvida, a outorga do título de Doutor Honoris Causa.

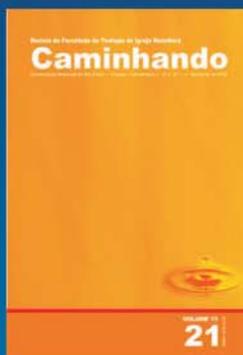
Vale lembrar que, no ano de 1977, o Dr. Jürgen Moltmann, já mundialmente célebre em vista da publicação de sua *Teologia da Esperança*, esteve, a convite da Fateo, com o apoio da ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos), no Brasil quando proferiu diversas conferências em distintas regiões do país, publicadas posteriormente sob o título *Paixão pela Vida* (São Paulo: ASTE, 1978). Nessa oportunidade, houve um diálogo tenso, porém fecundo, com a teologia da libertação latino-americana. Hoje, o Dr. Moltmann é professor emérito de Teologia Sistemática da Universidade de Tübingen, na Alemanha.



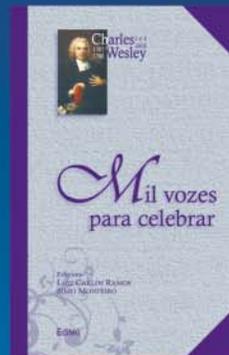
# Lançamentos da Editeo em 2008



**Em busca do Reino**  
Phyllis Reily



**Revista Caminhando**  
nº. 21



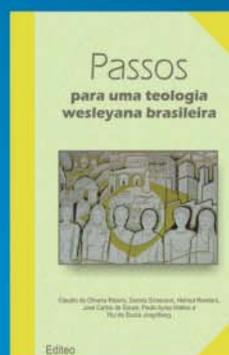
**Mil Vozes para Celebrar**  
Luiz Carlos Ramos (Org.)  
Simeir Monteiro  
Paulo Ayres Mattos  
Carlos Alberto Rodrigues Alves  
Et. Alti.



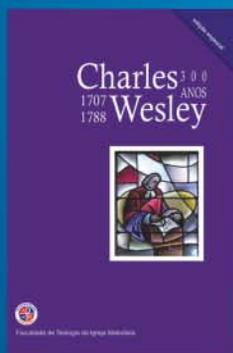
**Wesley e o Mundo Atual**  
Theodore W. Jennings Jr.



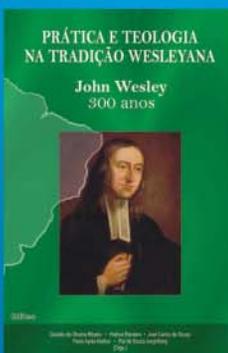
**Pluralismo e a missão da Igreja na atualidade**  
Inderjit S. Bhogal  
Colaboradoras: Magali do Nascimento Cunha e Sandra Duarte de Souza



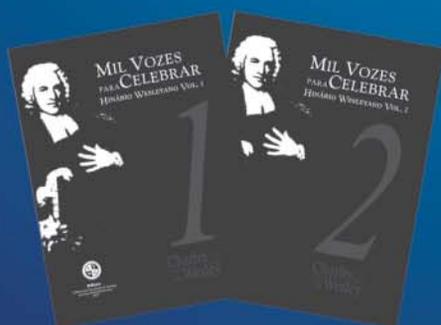
**Passos para uma Teologia Wesleyana brasileira**  
Autores: Claudio de Oliveira Ribeiro, Dennis Dickerson, Helmut Renders, José Carlos de Souza, Paulo Ayres Mattos e Rui de Souza Josgrilberg



**Charles Wesley 300 anos**  
Luiz Carlos Ramos (Org.)



**Prática e Teologia na tradição Wesleyana**  
Autores: Claudio de Oliveira Ribeiro, Dennis Dickerson, Helmut Renders, José Carlos de Souza, Paulo Ayres Mattos e Rui de Souza Josgrilberg



**Mil vozes para celebrar HINÁRIO WESLEYANO**  
VOL. 1 E 2

Para adquirir estas obras,  
ligue para:

**(11) 4366-5787**

ou envie um e-mail para

**livrariaediteo@metodista.br**

Informações sobre as recentes publicações da Editeo, com os respectivos preços, podem ser obtidas por meio da página eletrônica da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Umesp:  
**<http://www.metodista.br/fateo>**  
[clicar no menu "Editeo"]